SERMAM

QVE PREGOV O P. ANTONIO VIEIRA DA Companhia de IESVS, na casa professa da mesma Companhia

NA FESTA QVE FEZ A S. ROQVE ANTONIO Telles da Silva, &c.

Ut cum venerit, & pulsaverit, confestim aperiant ei. *Lucæ cap.* 12.

VErdadeiramente, que se algũ hora préguei sobre thema forçado, se algũ hora naõ tive liberdade de eleiçaõ sobre as palavras do Evangelho, foi na occasiaõ presente. Nem eu pudera tomar outro thema, que o q̃ propuz, nẽ poderei seguir nelle outra exposiçaõ, q̃ a q̃ logo direi, de S. Gregorio. O fim, & intento de todo o Evangelho he querer Christo seus servos vigilãtes, & preparados para quando lhe bater à porta. Isso vẽ a dizer em summa as nossas palavras: *Vt cum venerit, & pulsaverit, confestim aperiãt ei.* Se pergũtarmos aos Doutores, quãdo, & de q̃ maneira bate Deos às portas de nossas almas: responde S. Gregorio Papa no sentido mais literal, q̃ todos seguem: *Pulsat cum per ægritudinis molestias esse mortem vicinam designat*: q̃ nos bate Deos às portas d'alma por meyo das enfermidades do corpo. Se pergũtarmos mais quãdo, & de q̃ maneira abrimos cõ pontualidade a Deos; responde o mesmo S. Doutor, & cõ elle muitos outros: *Cui confestim aperimus si hunc cum amore suscipimus*: q̃ a-

A bri-

brimos a Deos com pontualidade,quando o recebemos cõ amor. De sorte q̄ o bater,& o abrir das portas de nossa alma consiste em bater Deos por enfermidade,& em abrirmos nòs por charidade. *Pulsat per agritudinis molestias, Aperimus si cum amore suscipimus.* Bem disse eu logo,q́ nẽ pudera tomar na occasiaõ presente outro thema,nẽ seguir nelle outra exposiçaõ.Celebramos hoje as gloriosas memorias do Illustrissimo confessor de Christo S.Roque, cujas portas fermosissimas d'alma se estaõ vẽdo tam batidas,& tam abertas, q̄ duvido qual mais quisese fazer nellas a providẽcia Divina se theatro de sua paciencia ao Ceo,& exemplar de sua charidade á terra. Encontraõse às portas daquella alma no mesmo tẽpo duas mãos, por fora a de Deos batendo; por dẽtro a de Roque abrindo, & ainda q́ o amor não se conquista cõ golpes, quam rigurosO insistia Deos no bater, tão amoroso se mostrava Roque ao abrir:Deos batia por enfermidades *Pulsat per agritudinis molestias.*Roque abria por charidade. *Aperimus si cum amore suscipimus* Supposta esta conformidade facil do Evangelho,parece q́ se encaminharà o nosso discurso a S. Roque pella correspondẽcia maravilhosa que,teve sua charidade cõ suas enfermidades. E ainda q̄ eu estava mais para pedir ao S. remedio das proprias, q́ para ponderar finezas das suas;diremos em quãto pudermos cõ o favor da Divina graça. *Ave M.*

Vt cum venerit,& pulsaverit,confestim aperiant ei.

1 Suposto,que nos bate Deos às portas d'alma por meyo das enfermidades do corpo ,hũa cousa muy singular acho no glorioso sogeito de nossa oraçaõ, & he,q̄ foi taõ vigilante servo S. Roque em acudir ao bater de

Deos,

Deos,q̃ naõ sò acudio,pontualmente quando lhe batia ás portas proprias, ſenaõ tambem quando batia ás alheas Lá bateo hũa vez o eſpoſo às portas d'alma Santa;& cõ ſer Santa,acudio tam pouco diligente,q̃ quãdo chegou a abrir jà o eſpoſo canſado de eſperar ſe tinha partido: *Surrexct vt aperirẽ dilecto meo;at ipse declmaverat, atque tranſierat.* Verdadeiramẽte q̃ ſe a eſpoſa dos Cantares não repreſentàra as almas de toda a Igerja,creo que deixara Deos a alma Santa,& ſe deſpoſara cò a alma de Roque. A alma ſanta tal vez acode a Deos, quando lhe bate ás portas proprias.Roque,ou lhe bata Deos âs porprias,ou às alheas ſempre acode diligente.

E ſe me perguntaõ quando aconteceo iſto a S. Roquẽ,quando acudio cõ eſta pontualidade a hũ, & outro bater de Deos? digo q̃ ſempre,em duas occaſioens: ou quando lhe batia Deos às portas proprias,por meyo de enfermidades ſuas,ou quando batia às portas alheas por meyo das enfermidades dos proximos: *Pulſat per agritudinis moleſtias.* Andando taõ fervoroſo em hũ, & outro abrir ſua charidade: *Aperimus si cum amore ſuſcipimus*: que das enfermidades alheas adcecia, & cõ as enfermidades proprias curava:das enfermidades alheas tirava doença para ſi,das enfermidades proprias tirava ſaude para nòs. Naõ he modo de encarecer, ſenaõ verdade liza Quãdo S.Roque ſahio de Frãça para Italia, o exercicio,& inſtituto de vida q̃ tomou foi ſervir aos enfermos nos hoſpitaes,donde[poſto q̃ curou muitos milagroſamẽte]ſahio com hũa grave enfermidade, q̃ lhe deu larga materia de paciẽcia.Voltãdo à patria,& chegandoſelhe o fim ditoſo de ſua peregrinaçaõ, permitio o Sñor, q̃ foſſe ferido

 de

de peſte,de q̃ morreo em breves dias; mas deſpois de morto,foi achado com huã tabao nas mãos eſcrita por miniſterio de Anjos, na qual prometia, q todos os enfermos de peſte, q̃ ſe encomendaſſẽ em ſua interceſſaõ, ſarariaõ da quelle mal. Aſſi q das enfermidades alheas tirava doença para ſi, & das enfermidades proprias tirava remedio para nòs. Quando ſerve aos enfermos toma por premio a doença; quando morre da enfermidade, deixa em teſtamento a ſaude. Atè aqui pontualidade de acudir a Deos, atè aqui engenhoſo artificio, & artificioſo extremo de charidade! Adoecer cõ as enfermidades alheas, & curar cõ as enfermidades proprias. Excellencia he eſta q̃ ſó duas vezes acho eſcrita, huma vez junta, outra dividida: ſe dividida em S. Paulo, & Chriſto: ſe junta no glorioſo S. Roque.

II. Vay contado S. Paulo o muito q̃ tinha padecido em ſerviço dos proximos, & diz aſſi aos Corinthios: *Quis infirmatur, et ego non infirmor:* que homẽ ha q adoeça, q̃ não enferme eu tambem com elle? Notavel dizer! Parece q̃ ou a charidade he hũ bem contagioſo, q̃ ſe pèga a todos os males, ou todos os males ſaõ contagioſos em reſpeito da charidade, q̃ ſe pegão a quem a tem; *quis infirmatur, & ego non infirmor?* Mas como pòde ſer (vamos à razão) como pode ſer, q̃ adoeceſſe S. Paulo das enfermidades alheas, & q̃ ſentindo cadahum as ſuas, Paulo padeceſſe as de todos; Là os outros enfermavam, & cà Paulo adoecia! como pode iſto ſer? Na charidade do Apoſtolo temos a ſolução da duvida. Còmo a charidade eſſèncialmente he união, & união perfeitiſſima, de tal maneira une os proximos entre ſi, q ſe eu tenho charidade,

dade,cada proximo he outro eu, *ut ſint unum,ſicut nos unum ſumus*,& como por eſtes laços ſobrenaturaes os homẽs ſe unem entre ſi, & ſe identificaõ reciprocamente; daqui vem q̃ pode, antes deve cadahum adoecer das enfermidades do outro,porq́ neceſſariamẽte hão de ſer os accidentes cõmuns onde o ſogeito he o meſmo. Por iſſo S. Paulo(& o meſmo digo de S. Roque)adoecia das enfermidades alheas, & ſentindo cadahum as ſuas,elle padecia as de todos;tudo por beneficio de ſua charidade. Adoecia das enfermidades alheas porq̃ a uniaõ reciproca do amor as fazia proprias; & ſentindo cada hum o ſeu mal,elle padecia o de todos,porq́ ſendo hũ sò por natureza era todos por charidade. *Quam admodum si universa orbis eccleſia eſſe ſit in unoquoque membro discruciabatur*,diz S. Ioaõ Chriſoſtomo. Adoecia em todos por ſentimento, porque vivia em todos por amor. *quis infirmatur,& ego non infirmor*

Donde ami me parece, podemos dizer por hũa certa analogia q̃ o q lhe faltou a Deos em quãto cauſa primeira por perfeiçaõ de ſua ſimplicidade, ſuprio S. Paulo,& S. Roque por perfeiçaõ de ſua charidade. Deos N. S. (como enſinaõ os Teologos)he primeira cauza activa mas naõ he primeira cauza paſſiva. He primeira cauza activa,porq̃ por ſua immenſidade, & omnipotẽcia obra cõ todos os que obram,concorrendo juntamente cõ elles:& nam he primeira cauſa paſſiva,porq̃ por ſua ſimplicidade,& immutabilidade, naõ pode padecer em ſi, nem receber accidentes eſtranhos. De maneira q́ obra Deos con todos os q́ obram, mas não padece com os q̃ padecem. Pois eſta generalidade,& extenſaõ, que tem

Deos,em quanto causa primeira porperfeiçaõ de sua simplicidade,esta supprio S.Roque cõ S.Paulo por perfeiçaõ de sua charidade. Deos como primeira causa activa,obra com todos os q obram, Roque como primeira causa passiva,padece com todos os q̃ padecem, & assi como he brazam da Omnipotencia Divina ,que ninguem pode obrar sem Deos. *Sine me nihil potestis facere*; assi he brazam da charidade de Roque q̃ ninguẽ pode padecer sẽ elle. *Quis infirmatur,& ego nõ infirmor?*

III Este sois divino Roque,este ao mundo todo porbeneficio, & este aos Religiosos desta caza por imitaçaõ;q̃ pouco fora recebellos debaixo de vosso patrocinio, se lhe nam communicareis juntamente as gloriosas participaçoẽs de vosso fervoroso espiritu. Verdadeiramente q̃ quando cõsidero(sejame licito ao menos pelos privilegios de estranho dizer o q venero, & o q admiro)quando considero a verdade com q̃ pòde dizer a casa de S.Roque: *Quis infirmatur,& ego non infirmor?* Que enfermidades, q̃ males, q trabalhos ha em Lisboa, q̃ a charidade desta casa naõ participe: Nos hospitaes, nos carceres, nas afflicçoens, & sentimentos particulares,q̃ sẽpre saõ mais q os publicos quẽ os padece neste grãde povo, q̃ naõ reparta sua paciencia com acharidade dos Religiosos desta casa?Que enfermo q̃ os não tenha á cabeceira?q̃ preso q̃ os naõ ache à grade? q cõdenado q̃ os naõ leve consigo ao lugar do supplicio? finalmẽte, q necessidade spiritual, ou tẽporal q̃ naõ venha buscar aqui,ou o remedio,ou alivio,ou a cõpanhia?Quãdo tudo isto cõsidero,me persuado q̃ deve esta graça a Cõpanhia ao glorioso padroeiro desta casa, & q agozaõ os

Reli-

Religiosos della, mais por padres de S. Roque, q̃ por filhos de S. Ignacio. Lá quãdo aquelles Anjos peregrinos se agazalharaõ em casa de Abrahaõ, louva muito Lypomano a charidade, cõ que Sara, & Ismael os serviaõ, mas naõ conhece nelles esta virtude pello q̃ tinhaõ de parẽtes, senão pello q̃ tinhaõ de domesticos de Abrahão *Vxor accellera puer festinat: nullus piger est in domo sapientis.* De maneira q̃ era filho Ismael de Abrahaõ, mas aquella diligẽcia, & charidade não resplandecia nelle, porq̃ nascera de seu sangue, senaõ porq̃ vivia em sua casa: era filho dilegẽte, & charitativo, mas naõ era diligente charitativo por filho, senaõ por domestico, *Nullus piger est in domo sapientis.* Algũa razaõ tenho eu logo para dizer, q̃ devem os Religiosos desta, casa os fervores de sua charidade a S. Roque mais q̃ a S. Ignacio: porq̃ de S. Ignacio saõ filhos, mas de S. Roque domesticos. Naõ saõ isto privilegios da filhaçaõ, saõ proveitos da moradia: no instituto, saõ obrigaçoens da vida q̃ professamos, no exercicio, saõ influẽcias da casa em q̃ vivemos.

Nem eu cuido q̃ se poderà aggravar meu Padre S. Ignacio de eu o considerar assi, porq̃ estas graças, ou estas glorias todas tornaõ a demandar a fonte donde manáraõ, & S. Roque tãbẽ foi filho de S. Ignacio. Naõ digo isto por querer imitar a devaçaõ, cõ q̃ algũas Religioens perfilharaõ os Santos alheos, porq̃ estes piadosos latrocinios sò se podem dissimular (posto q̃ nam encubrir) na cõfuzaõ das antiguidades, & a nossa religiaõ he taõ pouco antigua, q̃ mais se conhece de vista, q̃ de memoria O q̃ digo, & o q̃ entendo, he q̃ S. Roque foi professo da Companhia em Spirito, & filho de S.

 Igna-

Ignacio em Prophecia. A forma de vida, q́ por morte de ſeus pays tomou S. Roque foi eſta: renuncia ſeus eſtados, q̃ era ſenhor de Mompelher, reparte cõ os pobres ſuas riquezas, parte a Italia, & alli, como diſſemos, applicaſe a ſervir aos enfermos, tratando do remedio de ſeus males, como ſe foram proprios. Pois glorioſo Roque, Francez Divino, q̃ impetu de ſpirito he eſte voſſo? que trocados de vida ſaõ eſtes taõ contrapoſtos? aqui renũciais os bẽs proprios? alli tomais á voſſa conta os males alheos? Si; q́ iſto he ſer profeſſo da Companhia. O inſtituto da Cõpanhia profeſſa, cõſiſte em renũciar os bens proprios, e fazer proprios os males alheos. Cõſiſte em renũciar os bẽs proprios, porq̃ nenhũa caſa profeſſa da Cõpanhia póde ter propriedade algũa, nem ainda para o culto Divino, de q́ he tam zeloſa: & conſiſte em fazer proprios os males alheos, porq̃ eſſe he o voto, & obrigaçaõ dos profeſſos, acudir aos males communs, & dos proximos como ſe foraõ proprios, & particulares. Eſte he o inſtituto da Cõpanhia profeſſa, e eſta a vida, q̃ profeſſou S. Roque, ſeguindo em prophecia os exemplares de ſeu, & noſſo Padre S. Ignacio; & para q̃ não cuide alguem q́ perverto a ordem dos tempos, & chamo exemplares ao q́ devèra chamar imitaçoens, fiarmeha o pẽſamento S. Iſodoro Peluſiota, q̃ ainda em mais anticipada acçaõ o conſiderou aſſi.

Conſidera S. Iſodoro Peluſiota o amor, & reſulaçam cõ q̃ Rebecca para grangear a bençaõ a Iacob ſe expoz ao perigo da maldiçaõ q́ elle temia, e diz deſta maneira *Rebecca Apoſtolica animi magnitudini prædita.* verdadeiramẽte Rebecca cõ grandeza de animo Apoſtolico: notai;

Re-

Rebecca foi antes da vinda de Christo mais de dous mil annos, & ja entaõ diz S. Isidoro q́ seguia as pisadas dos Apostolos, & q́ copiava em anticipadas imitaçoens os futuros exemplares de seu spiritu. E isto como, ou em q̄? Advertidamente o Pelo siota. *Vt ipsius filius benedictionē consequeretur bonis quidem ipse cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Consistia esta imitaçaõ do spiritu Apostolico em q́ Rebecca pera negociar a bençaõ a Iacob renunciava nelle todos os bens, & tomava para si todos os males: *bonis quidem ipsi cedebat, mala autem ipsa sola suffere parata erat.* Esta he a summa de perfeiçaõ, & profissaõ Apostolica fazer alheos os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. E se porq́ o fez assi Rebecca diz S. Isidoro q̄ imitou em a Prophecia o spiritu dos primeiros Apostolos, q̄ muito q̄ fazendo o mesmo, S. Roque, diga eu tambem q́ imitou em prophecia o fūdador dos Apostolos segundos? Mas seja embora como a devaçaõ de cadahum o quizer considerar, o certo he q̄ de S. Roque mais immediatamente se deriva aos Religiosos desta casa aquelle fervoroso spiritu de charidade, cō q̄ despois de alienarē de si todos os bens proprios, se a propriaõ, taõ intimamente dos males dos proximos, q́ puderaõ bem dizer se o não callàra sua modestia cō o Apostolo: *Quis infirmatur, & ego non infirmor.*

Assi dizia S. Paulo, & melhor q́ assi o pode dizer S. Roque: porq̄ ainda q́ S. Paulo diga a boca chea q̄ adoecia de enfermidades alheas: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* he certo, & todos os Doutores interpretaõ assi, que sò adoecia spiritualmente por sentimento, & não corporalmente por enfermidade. Porem o zelo, sem exē-

 plar,

plar ,de Roque, de tal maneira o entranhava nos males dos proximos,q̃ naõ sò adoecia na alma por ſentimẽto compaſſivo, ſenaõ q̃ chegou a adoecer no corpo como vimos, por enfermidade verdadeira; vencendo neſta circunſtancia de charidade a meſma charidade de S. Paulo. Dizia de ſi o Propheta Rey *Tabescere me facit zelus meus, ideſt charitas mea*: o meu zelo, a minha charidade me faz andar palido, andar enfermo, andar tiſico, andar mirrado. Pois como! ſe o zelo charatativo he hũa virtude q̃ eſtà na alma, como adoecia de zelo David, & ſe entificava no corpo: *zelo corpore tabescit*; Gloſa aqui a Interlineal. A razaõ deſte exceſſo he porq̃ os affectos de noſſa alma ſe ſam extremadamẽte intẽſos ateamſe pella viſinhança ao corpo, chegando o corpo a padecer por enfermidade o q̃ a alma padece por ſentimento. O calor naturalmente dilata; & como a charidade he hũ affecto ardente, chega tal vez adilatarſe tanto, q̃ naõ cabendo na eſtreiteza onde nasceo, ou rebenta o coraçaõ, & morreſtes: ou ſe communica ao corpo, & enfermaſtes: *Tabescere me facit charitas mea*, Tal foi a charidade de Roque não chegando a ſer tal a charidade de Paulo: para q̃ ſe veja quam vigilante ſervo ſe moſtrou em abrir a Deos quãdo lhe batia às portas alheas por meyo das enfermidedes dos proximos. *Vt cum venerit, & pulſaverit pulſat per agritudinis moleſtias confeſtim aperiant ei: aperimus ſi cũ amore ſuscipimus.*

III E amor q̃ era taõ Argos em acudir a Deos quãdo batia às portas de outros, ja ſe vè quam vigilãte ſeria em abrir quando lhe batia às ſuas. Andou taõ engenhoſa tambem aqui a charidade de S. Roque; q̃ ſe lá em

emu-

emulaçaõ de S. Paulo ſoube adoecer com as enfermidades alheas, á em imitaçaõ de Chriſto ſoube curar cõ as enfermidades proprias. Fazer das enfermidades proprias medicina he privilegio ſoberano, q̃ sò em Chriſto Senhor noſſo ſe acha, de quẽ diz o Propheta Iſais, *livore ejus ſanati ſumus*, q̃ ſuas enfermidades, ou dores foraõ noſſa ſaude. Com menos facilidade, mas cõ mais galantaria o diſſe o Evangeliſta S. Matheus, & he hum dos textos de ſua hiſtoria, q̃ reconhecem os interpetres por mais difficultoſos. Sárou Chriſto em Capharnaum grande multidaõ de doẽtes de diveras enfermidades, e referindo S. Matheus eſte milagre, diz aſſi. *Omnes males habentes curavit, ut adimpleretur quod dictũ eſt per Iſaiam prophetam dicentem ipse infirmitates noſtras accepit, & ægritudinis noſtras portavit* Curou Chriſto todos os enfermos, q́ lhe apreſẽtaraõ diz S. Matheus, & aqui ſe comprio o q́ diſſe o Propheta Iſaias, que tomaria Chriſto em ſy noſſas penas, & padeceria noſſas enfermidades: Notavel allegar de profecias por certo? Se Chriſto eſtava curando enfermos, & a profecia diz q̃ havia de padecer noſſas infirmidades, como ſe cômprio neſte caſo a profecia? Padecer infirmidades, & curar enfermos, he a meſma couſa? Em Chriſto ſy; a meſma couſa he em Chriſto padecer enfirmidades q̃ curar enfermos, porq́ a paciencia de ſuas dores foi o remedio, & medicina das noſſas: *livore ejus ſanatis ſumus*. Por iſſo o Evangeliſta quando vio a Chriſto milagroſamẽte medico logo o cõſiderou infallivelmẽte enfermo, porq̃ aquelles effeitos de curar eraõ certezas de adoecer, Onde a enfermidade era medicina não podia ter ſaude quem a dava *Et de fuit ſanitas ne nobis deeſſet*: diſſe com propriedade o Oleaſtro. Tal

Tal o grande imitador da charidade de Christo S. Roque; q̃ do sofrimẽto de suas enfirmidades fez merecimento de nossa saude, & morreo ferido de peste sem remedio, paraq̃ tivessẽ remedio os feridos de peste. Quẽ visse estar morrẽdo do mal de peste a Roque, & o tivesse visto curar milagrosamẽte a tantos do mesmo mal, parece q̃ podera dizer ao Santo por admiraçaõ o q̃ no calvario disseraõ a Christo por afronta. *Alios salvos fecit se ipsum nõ potest salvum facere:* pode salvar aos outros, & assi não se pode salvar. Pois se sàrou de peste à tãtos, porq̃ senão cura tambẽ assi? Sabeis porque? Naõ se curou S. Roque assi, porq̃ quiz que saraſsamos nòs: *Et defuit sanitas nè nobis deesset.* Offereceo a Deos sua enfermidade por nossa saude, sua vida por nossa morte: adoeceo para que sárassemos, morreo para q̃ vivessemos: & ainda que tinha virtude milagrosa para curar de peste, não quis empregar esta graça em sua vida para poder testar della na morte. Assi o diziaõ as taboas de seu testamẽto. Ha mais fino amor dos proximos? ha mais perfeita, ha mas divina charidade q̃ esta? Iulgoa por tam divina, q̃ não foraõ menos q̃ demonstraçoens de divindade em Christo, os que foraõ effeitos de charidade em Roque.

Esteva S. Thome incredulo da resurreiçaõ cõ os outros discipulos, entra Christo cõ as portas cerradas abre as das mãos, e do lado chega Thomè, e apenas tinha visto, ou tocado as chagas, quãdo cae aos pès do Senhor dizendo: *Dominus meus*, & *Deus meus*: reconheço Sñor q̃ sois o meu Senhor, & creyo q̃ sois meu Deos. Mais crè Thomé do que duvida: porque sò duvidava de hũ homem resucitado, & reconheceo mais por Deos verdadeiro.

deiro. Pois, discipulo incredulo, atègora naõ crieis tam obstinado como ja crèdes taõ resoluto? E se nũqua reconhecestes em vosso mestre mais q̃ a humanidade, como o confessais por Deos tam subitamẽte! q̃ he o q̃ vistes nelle! q̃ he o q̃ descobristes de novo! Vi (diz Thomé) q̃ deixou este Senhor as mãos, & lado aberto para rẽder minha incredulidade, & quẽ naõ fecha as suas chagas, para ter com que curar as minhas, he mais q̃ homem he Deos: *Dominus meus, & Deus meus! Novo genere vestigia vulnerũ divinitate perhiberent testimonium.* Exclama Santo Agostinho: cousa nova, & prodigiosa, que chagas de hũ corpo humano sejaõ testimunho de natureza divina. Mas que menos se pode arguir, que divindade, em quem deixa abertas chagas proprias para ter com que curar as alheas? *Voluit exhibere in illa carne citratices vulnerum ut vulnere sanare incredulitatis*, diz o mesmo S. Agostinho. Estes pois q̃ foram argumentos de divindade em Christo, foraõ effeitos de charidade em Roque; o qual podendo sarar do mal de q̃ estava ferido, naõ quiz fechar suas chagas para ter com que curar as nossas, & renunciãdo, com mayor milagre, os milagrosos privilegios de sua virtude, quiz morrer indefenso às mãos da peste, para que a peste morresse a suas mãos. Assi abria Roque por charidade, quando assi batia Deos por enfermidades. *Pulsat per agritudinis molestias, aperimus si cum amore suscipimus.*

V. A mãos de Roque morreo, & morre a peste, ou reconhecendo a virtude, ou obedecendo à violencia de sua intercessam; onde eu noto, quam bem se corresponde aqui o premio, & o merecimento

 por-

porq̃ eſte ſegundo curar foi premio daquelle primeiro adoecer. Sobre o *Præcinget ſe: & ſint lumbi veſtri præcincti* do Evangelho , notou com agudeza S. Pedro Chryſologo que paga Deos na meſma moeda os ſerviços, q̃ lhe fazem os homens. Cingi vos pera me ſervir a mi, diz Chriſto, q̃ eu me cingirey (quem não aſſombra!) para vos ſervir a vòs. E como a liberalidade de Deos he taõ pontual nas correſpondencias : com q̃ mais igualmente ſe avia de primiar hum bem contagioſo, q̃ cõ dominar males contagioſos? Lâ diſſemos no principio q̃ a charidade de S. Roque em emulaçaõ de S. Paulo era hum bem contagioſo, q̃ ſe pegava aos males, pois em pago de hũa virtude, q̃ he bem contagioſo, deſe a Sam Roque virtude de curar males contagioſos. Algũa couſa diſto temos em Ioſeph.

Amava ſua Senhora a Ioſeph taõ perdidamente como ſabemo; paſſou a affeiçaõ a locura, paſſaraõ as ſignificaçoens a violencias: deixoulhe em fim o caſto moço a capa nas mãos, & daqui ſe trocou aquelle exceſſivo amor em taes exceſſos de aborrecimento, q̃ dos laços deſejados ſe forjaram priſoens executivas, & foi poſto em ferros Ioſeph. Pois, Egypcia infiel , q̃ mudança he eſta taõ repẽtina? Pouco ha tanto amor, & agora tanto aborrecimento? Se querias conquiſtar a vontade de Ioſeph; principio foi de victoria, ficar com os deſpojos nas mãos. Pois porque nam continua teu amor a empreſa ; porque a borreces tanto, a quem amavas ha tam pouco? Quereis ouvir com admiraçaõ, porque; Porque lhe ficou nas mãos a capa de Ioſeph. Aſſi como ſe pegaõ as enfermidades, tambem ſe pèga a ſaude. Se baſtão os veſ-

vestidos de hum enfermo para se pegarẽ os achaques do corpo, tambem bastaõ os vestidos de hum S. para se pegarem os affectos d'alma. Qual cuidais q̃ foi o principio da conversaõ de S. Paulo? Altamente o penetrou o juizo de Bernardo. Entre os q̃ apedrejavaõ a S. Estevaõ andava tambem S. Paulo antes de convertido, o qual foi tam venturoso q̃ lhe coube à sua conta guardar as vestiduras do martyr. *Deposuerunt vestimenta sua secus pedes adolescentis, qui vocabatur Saulus.* E q̃ se seguio dahi? Seguiose, diz S. Bernardo, q̃ pello toque daquellas roupas, começou Deos a lhe tocar na alma; & dos vestidos de Estevaõ a quem apedrejava, se lhe pegou a mesma Fè, porque Estevaõ morria. *Deponuntur vestimenta martyrũ ad pedes persecutoris, qui ad tactum sacrarum vestium fuerat convertendus.* Com particular providencia do Ceo se entregàraõ ao perseguidor os vestidos do martyr, para que tocandoos se lhe pegasse a fè, & viesse a seguir, como veyo, a ley q̃ perseguia. *Qui ad tactum sacrarum vestiam fuerat convertendus.* Assi se cõverteo Saulo em Paulo, & assi se trocou o amor da Egypcia em aborrecimento. Ficou a Egypcia com a capa de Ioseph nas mãos: *Relicto in manus ejus pallio fugit*; & como pellos vestidos dos Santos se pegaõ as inclinaçoens, & affectos da alma, aborreceo logo a Egypcia a Ioseph porq̃ Ioseph aborrecia a Egypcia. Cõmunicouselhe o aborrecimẽto ao coraçaõ pello tacto, & pegouselhe a desafeiçaõ de Ioseph, sò porque pegou em suas roupas sagradas; *Ad tactum sacrarum vestrum.*

Mas donde mereceo Ioseph (ainda naõ fechamos o pensamento) donde mereceo Ioseph que se lhe con

cedesse já entaõ o que foi privilegio singular do prothomartyr, & q̃ ao toque santamente contagioso de suas roupas se produzissem taõ maravilhosos effeitos? Se hey de dizer o que entendo, acho que nesta mesma acçaõ teve Ioseph o merecimento, & o premio. E se naõ, pergũto, porque deixou Ioseph a capa nas mãos da Egypcia; Deixar em poder de seu enemigo hũa testimunha falça contra sua innocencia, mais he temeridade, que confiança. Pois porque naõ faz força para trazer a capa consigo, porq̃ não resiste, porq̃ a larga das mãos? Venturosamente ao intento S. Ambrosio *Contagium judicavit si divitus moraretur, ne per manus adulteræ libidinis incentiva transierent, itaque vestem exuit.* Largou Ioseph a capa nas mãos de Egypcia porq̃ julgou q́ era mal contagioso seu torpe amor, & naõ quiz q̃ pellas roupas se lhe pegasse a peste. *Cõtagium judicavit; itaque vestem exuit. Absy!* E Ioseph tem por mal contagioso o amor da Egypcia; pois seja bem contagioso o desamor de Ioseph. Vos tẽdes por mal contagioso sua impureza; pois seja bem contagioso vossa castidade. De sorte q́ juntamẽte naquella capa avia hum mal, & hum bem ambos contagiosos: o torpe amor da Egypcia de cujo contagio fugio Ioseph, & o casto de amor de Ioseph, cujo cõtagio em parte se pegou à Egypcia. Pois assi como Deos concedeo a Ioseph q̃ fosse bem contagioso sua virtude, porq̃ teve por mal cõtagioso o vicio alheyo; assi concedeo a S. Roque q̃ sárasse de males contagiosos sua intercessaõ, porq̃ fora bem contagioso sua charidade. Foi a charidade de S. Roque hum bem taõ cõtagioso, q̃ se lhe pegavaõ os males, & doenças de todo:

Quis

Quis infirmatur,& ego non infirmor? Pois ſeja digno premio deſta contagioſa virtude q́ todos os males ſe rendam a ſeu imperio,& q́ naõ haja contagiaõ, nem peſte no mũdo,onde chegar a interceſſaõ,& nome de Roque.

VI. Eſtes ſaõ os merecidos prodigios de voſſa charidade,glorioſo,& poderoſo Santo;& pois como divino avogado da peſte exercitais taõ obedecido dominio ſobre todos os males contagioſos, hũa petiçaõ vos quero fazer, q̃ ſerá a materia deſta ſegunda parte, fio q̃ vos naõ ſeja menos agradavel,q̃ a primeira, porq̃ os animos dezejoſos de fazer bẽ,mais os liſõgea quẽ lhes pede q̃ quẽ os louva A petiçaõ q̃ faço,e a mercè q́ vos peço,divinoRoque,he q̃ livreis o noſſoReyno de duas peſtes muy perigoſas,q́ naõ ſey ſe vaõ ja corrõpẽdo o ſaudavel clima de ſeus ares. São cõſequẽciasda guerra eſtas taõ certas,como da noſas: *Surget gens ingentem,& regnũ adverſus regnum,& erunt peſtilentiæ.* Alguns haverà q́ ſeguindo a reſoluçam de David dezejariaõ antes remedio para a guerra que para a peſte:mas eu pella meſma razam temo mais os rebates da peſte, q́ os rebates da guerra. Poz Deos a David em ſua eleiçaõ q̃ de dous ou tres males, q̃ lhe ameaçava, eſcolheſſe livremente o q̃ mais quizeſſe:& com ſer taõ grande ſoldado David,quiz antes peſte q̃ guerra. A razaõ deu o meſmo Rey, como aponta o texto. *Quia melius,vt incidam in manus Domini,quam in manus hominum.* Porq a guerra eſtava nas maõs dos homens,& a peſte nas mãos de Deos;ſempre ſam menores os males, q̃ ſe diſpenſaõ pella mam de Deos, q́ os q̃ ſe executam pella maõ dos homens. Por eſta razam temeo mais David a guerra, q̃ a peſte; & pella meſma

temo eu mais a peſte que a guerra; porq́ ſe lâ a guerra eſtava nas mãos dos homens,& a peſte nas mãos de Deos,cà a guerra eſtà nas mãos de Deos,& a peſte nas mãos dos homens. A guerra eſtá nas mãos de Deos, porque Deos a tomou à ſua conta,& nos dà taõ milagroſos ſucceſſos como cadadia vemos: & a peſte eſtà nas mãos dos homens, porque os homens ſam os que encontraõ(naõ fallo das tẽtaçoens, ſenaõ dos effeitos)ou ao menos deſajudam o bem da patria.

Ora eu me puz a conſiderar como chamaria a eſtas duas peſtes, que digo de Portugal; & por lhe naõ fazer as deffiniçoens compridas, deffinias aſſi. Pouca fee, & muita fee. Pouca fee, iſto he pouca fidelidade: Muita fee, iſto he muita confiança. Muito confiados & pouco confidentes ſam em Portugal os feridos da peſte, de que Deos nos livre. Máo he que tenhamos occaſiam de dizer iſto entre Portugueſes, mas pior fora ſe ſenam eſtranhàra. Cuido que o moſtrarey de maneira, que ao menos, ſenam perſuadir o remedio, hey de juſtificar o queixume. Que eſteja apeſtado de pouca fee Portugal o povo diz commummente, & cuida, que o prova; mas ainda que authoridade de povo he tam grande,que ella só baſtou para canonizar a Sam Roque, julgue Deos os coraçoens de cada hum, que eu sò das mãos quero fazer juizo. Argumento aſſi. He certo que nas Cortes paſſadas ſe prometteram ſubſidios para a guerra quantos foſſem neceſſarios à conſervaçam do Reyno. Tambem he certo que ſe intentáram donativos, que ſe multiplicaram tributos, que ſe introduziram decimas, que ſe accrecentou à moe-

da

da o cunho, & o preço; & cõ tudo vemos que he necessario repetir Cortes para arbitrar novos modos de tirar dinheiro effectivo, porque cadahum guarda o seu, & ha muy poucos que paguẽ o que lhes toca. Os muitos poderosos por privilegio, os pouco poderosos por impossibilidade, cada hum trata de lançar a carga aos hombros do outro, & tal vez caè no cham, porque nam ha quem a sostente. He isto assi? ainda mal. Bem digo eu logo, que ha pouca fè em Portugal. Fé taõ apertada de mãos, naõ he verdadeira fè.

Diz Christo no nosso Evangelho: *Lucernæ ardentes in manibus vestris:* Que tenhamos tochas accezas nas mãos. Suposto que o lume destas tochas significaõ lume da fè; porque diz Christo que o tenhamos nas mãos: *In manibus vestris?* Os actos da fè, no entendimento se produzem, no entendimento se recebem; pois se a fé està no entendimento, como a poem Christo agora nas mãos, *Lucernæ ardentes in manibus vestris?* Hũa razam muy verdadeira he, porque a fé practica, que Christo aqui ensinava, nam consiste tanto em verdades do entendimento, quanto em liberalidade das mãos. Nam he mais fiel quem melhor discorre, se nam quem concorre melhor. Por isso nos representa Christo a fè em figura de tochas; porque a tocha se està accesa gastase, & se nam se gasta, està apagada. O quantas tochas, que pudèram luzir gloriosas, se vem nesta occasiam apagadas miseravelmente! *Lucernæ ardentes in manibus vestris:* Portuguezes; se a fé he tam ardente como deve ser vejase luzir nas mãos. Apertarense as mãos, he sinal de frieza, & que nam arde fogo no cora-

çam. Amavam muito os Magos, & criam verdadeyramente naquelle Rey que acclamàram em Ierusalem, & como sabios vede a protestaçam que fizeram de sua fè. *Procidentes adoraverunt, & apertis thesauris suis obtulerunt.* Postrados por terra adoráram, & abrindo seus thesouros offereceraõ. Saõ Leaõ Papa. *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur.* Na liberalidade com que davam, protestaram a verdade com que criam; & porque dahi costuma estar o coraçaõ onde està o thesouro, fizeram os seus thesouros interpretes de seus coraçoens. *Quod cordibus credunt, muneribus, protestantur.* Se vissemos que entravam os Magos em o presepio, & que vendo naquelle estado a seu Rey, lhe nam faziam serviço de suas riquezas; que diriamos? Diriamos com muita razam que nam criam nelle verdadeiramente, & que aquellas cortezias foram enganosas, & aquellas adoraçoens fingidas. Adorar, & naõ offerecer, quãdo o Principe està em necessidade, dobrar os juelhos, & nam abrir os thesouros, nam he vicio de avareza, he crime de infidelidade. Fè, & liberilidade sam virtudes synonimas, & quem està duvidoso no dar, nam està firme no crer. O que os Magos offereceram a Christo foi Ouro, Incenso, & Mirrha; & dizem todos os Padres, & com elles cõformemente a Igreja, que no ouro confessaram que era Rey: no incenso, que era Deos: na myrrha que era homem. *Auro Regem, Thure Deũ, myrrha mortalem*, Oh grande confirmaçam do que dizemos! Desorte q̃ interpretaraõ os Magos a fè pella liberalidade & para confessarem tres artigos offereceram tres donativos. *Auro Regem, Thure Deum, myrrha mortalem.*

Po-

Pois se a fè se explica pella liberalidade, se o dar he synonimo do crer, se a obediencia dos Reys se protesta cõ ouro nas mãos, *Auro Regẽ*, como não temerei eu q̃ ha rebates de peste, ou sospeitas de pouca fè em Portugal, quãdo a liberalidade se perverteo em cubiça, & em vez de se pagarẽ tributos, pode ser q̃ se multipliquẽ latrocinios? He bõ genero de fé esta? Eu o direi. Pergũtàraõ os ministros reaes a S. Pedro se havia seu Mestre de pagar tributo a Cesar, & respõdeo q̃ si, mãdou Christo a Pedro que fosse pescar, q̃ na boca do primeiro peixe acharia a moeda q̃ se pedia. *Et da eis pro me & te*, & pagai, Pedro por mi, & por vòs. Notai. Christo era Senhor do mundo. S. Pedro era Principe da Igreja, & cõ tudo diz o Senhor pagai por mi, & por vòs, *da eis pro me & te*, porq̃ os tributos dos Reys, principalmẽte em tempo de necessidades grãdes, tambẽ os grãdes, & senhores he bẽ q̃ os paguem. Nos bẽs, & males cõmũs ninguẽ he privilegiado, sintaõ todos o mal q̃ toca a todos. Mas naõ era isto o q̃ eu queria põderar. O em q̃ muito reparo he em mãdar a providẽcia de Christo, q̃ S. Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo parecẽ q̃ tocava por razão de officio ao Apostolo, q̃ tinha o dinheiro; pois se Iudas era thesoureiro, ou procurador, se Iudas era o q̃ tinha a bolsa do Collegio Apostolico, porque não mãda Christo pagar o tributo a Iudas? Direi o porq̃? Porq̃ quẽ tinha animo pera vẽder a seu Senhor, não tinha sitio pera pagar o tributo. Naõ pagou o tributo Judas, porq̃ os Iudas não pagaõ tributos. Vejase agora se ha sospeitas de pouca fé, se ha feridas de infidelidade em Portugal.

Glorioso S. esta he a primeira peste de q̃ vos peço nos

 li-

livreis este Reyno; & senam fora por temor de alguma irregularidade, naõ sey se vos pediria tambem que curasseis como a curou Sam Pedro. Defraudou Ananias a parte do preço, que devia pòr todo aos pés dos Apostolos, como agora fazem alguns que pagam a decima, mas decimada: mandão vir diante de si S. Pedro, julga o crime summariamente, notificalhe a senteça em tres palavras, & foram tam rigorosas, & executivas, q̄ no mesmo ponto com assombro, & tremor dos circunstantes cahio morto aos seus pès Ananias. Tanto rigor em hum discipulo de Christo na piedade de hum Apostolo, nas entranhas de hum S. Pedro, por huma culpa ao parecer nam tam pezada? Si diz S. Ambrosio, & dà a razaõ *Tanta erat infectus avaritia pestilentia, ut Sanctus cum Petrus, non tam emendare voluerit, quam damnare.* Deu sētēça de morte repentina S. Pedro a Ananias por defraudador somente do preço prometido; porque como estava inficionado com a peste da avareza, & podia inficionar, & apestar a outros, teve por melhor tirarlhe a vida, que esperarlhe com perigo a emenda. Cō este riguroso remedio se curou ja alguma infidelidade em Portugal, exēplo que he bem ande nas memorias sempre vivo; mas aos fielmente Portuguezes bastevos o do glorioso Sam Roque para q̄ assi como elle deu estado, riquezas, & quanto possuhia pella patria do Ceo, demos nòs tambem com apostada resoluçam quanto temos pella defensam da nossa. Ainda ha comendas, ainda ha rendas, ainda joyas, ainda ha coches, ainda ha galas, & regalos, & em quanto houver sangue nas veas, haverà muito q̄ dar. Dese tudo pella patria, que nella fica, assi como deu

Sam

Saõ Roque tudo para nella o achar. E se o exemplo de S. Roque, por alto, nos desmaya, e ha olhos fracos, q̃ cegaõ cõ tãta luz, abaixemos hũ pouco a vista, & veremos retratada aos pés do S. hũa acçaõ irracional, mas generosa, q̃ quanto mais falta de uso da razaõ, estranha, & reprehende mais justamẽte as semrrazoẽs de infidelidade humana. Todos os authores antigos fizeraõ ao caõ symbolo da fidelidade; & quando esta nobreza naõ fora taõ antigua naquelle animal, o de S. Roque pudera ganhar este titulo para toda a sua especie. Estava S. Roque no cãpo deitado ao pè de hũa arvore pobre, desconhecido, solitario, enfermo, & no meyo deste desẽparo tinha hũ caõ, q̃ levãdo todos os dias hũ paõ na boca sẽ comer delle bocado, o sustẽtava. Isto si q̃ he ser leal; isto si q̃ he ser exẽplo da verdadeira fidelidade. Chegar a tirar o paõ da boca para sustẽtar cõ elle a seu S^or^. Lastima he que carecesse tal generosidade de uzo de rezam, quando vemos tantas almas racionaes tam mal empregadas em sojeito de menos honrados procedimẽtos.

VII. A segunda peste (muito me diteve na passada; serà esta a peste pequena) A segunda peste, definese. Muita fé, ou muita confiança, & deste mal està inficionada muita gente, que se chamaõ os demaziadamente confiados. Explicome. Ha cidades em Portugal, q̃ sem estarem tam longe de Castella, como Roma de Cartago, nem as dividir hum mar, senam hum pequeno rio, & a algumas huma linha Mathematica; taõ confiadas estam de si mesmas, q̃ por mais que sam mandadas fortificar, naõ se fortificam, havendo (a maneira dos Spartanos) que onde estam os peitos de seus Cidadãos nam

ſam neceſſarias muralhas. Ha homens em Portugal, que ſem terem gaſtado os annos nas eſcholas de Flandes, nem campeado nas fronteiras de Africa, por mais q̃ os mãdaõ ter armas, & exercitallas tẽ por afronta, ou por ociſiodade eſte exercicio; como ſe fora contra os fòros da nobreza prevenir a defenſam da patria, ou poderaõ, ſem exercitar as armas, entrar naquelle numero ordenado de gente, que por conſtar de homens exercitados ſe chama exercito. He boa confiança eſta com o inimigo á porta? He muy demaziada, & muy errada confiança deſconfiar por temor, he covardia; mas deſconfiar por cautella, he prudencia. Nam quero deſconfiança q̃ faça deſmayar; deſconfiança que faça prevenir, ſi. E eſte ſegundo modo de deſcónfiar he muy neceſſario, principalmẽte aos Portuguezes, cujo demaziado valor os fez algumas vezes tam confiados, que o vieram a ſentir mal prevenidos. A moderada deſconfiança, naõ he achaque, ſenam eſmalte da valentia. O valente dizẽ que hade ſer deſconfiado, ao menos hum ſoldado Francez ſey eu, & na milicia de ſua profiſſam ſoldado de fama, o qual ſempre foi valente ao desconfiado; S. Roque. O que pondero he que deixou Sam Roque huma vez a patria, & deſpois ſe tornou pera ella. Que deixaſſe a patria quẽ queria ſeguir a Chriſto com ſeguro dictame obrava; que no remanſo perigoſo da patria, principalmente os poderoſos como Sam Roque mais occaſiam tem de offender, que de ſervir a Deos, pois ſe deixa a patria, & foge della: porque a torna a buſcar? Em huma, & outra reſoluçam obrou como deſconfiado Roque. A primeira vez fugio da patria, porque deſconfiou

de

de ſua virtude: a ſegunda vez tornou para a patria por que deſconfiou de ſua fugida. Como ſe fizera eſte diſcurſo o Santo entre valente, & deſconfiado conſigo. Eu ſe fico na patria, as occaſioens ſam muitas:ſe me falta virtude para as reſiſtir, fico vencido. Pois que remedio? naõ ha outro ſenaõ fugir; alto ,deixemos a patria. E deſpois de ater deixado, como ſe tornàra ſobre ſi: fugir(diz Roque)he covardia: nam querer vir ás maõs com o inigo, he pouco valor. Pouco valor em hum ſoldado de Chriſto? Nam ha de ſer aſſi: animo, voltemos outra vez para a patria; & aſſi o fez. Elias retratado. Foge Elias de Ieſabel, que lhe queria tirar a vida, chega ao deſerto,& começa,a chamar,& deſafiar a morte. *Potivit animæ ſuæ, ut moreretur.* Tudo ſuccedeo no meſmo dia para ſer mais achada a repugnãcia.Se teme o Propheta a morte, como a chama? E ſe foge della na cidade; como no deſerto a deſafia! Sam deſconfianças de hum bem entendido valor. Na cidade fugio da morte porque deſconfiou de ſua fortaleza: no deſerto deſafiou a morte, porque deſconfiou de ſua fugida. O meyo em que conſiſte a fortaleza he entre o temor, & a ouzadia temeo, & ouzou Elias ſempre deſconfiado,para em huma,& outra acçaõ ſe moſtrar valẽte.Tam longe eſtà de valente o timido,como o temerario;& ſe em alguma parte eſtà mais perigoſa a cõſervaçam,he na preſunçam de ſegura .Nem aqui nos faltarà o Evangelho.

Quer Chriſto que eſtejamos em vella, bem aſſi como o fazem os ſervos diligentes, que eſperam por ſeu Senhor. *Vt cum venerit , & pulſaverit* [Aqui reparo) pa-

para que quando vier a bater. Bater? logo fechadas ham de eſtar às portas. Pois ſe fazem tantas diligencias, por preſſa, & mais preſſa, ſe ham de eſtar as roupas na cinta, ſe ham de eſtar as tochas nas mãos, eſſas ja acceſas; porque naõ eſtaram tambem as portas abertas? Porque enſinava Chriſto a ſeus diſcipulos a ſer vigilantes, & naõ baſtam para a ſegura vigilancia olhos abertos com portas abertas: ſenam olhos abertos com portas fechadas. *Vt cum venerit, & pulſaverit.* Para que quando vierem de fòra achem em que bater primeiro. E ſe naõ baſtam olhos abertos com portas abertas; que ſeria portas abertas cõ olhos fechados? Por ſemelhante deſcuydo ſe perdeo Troya. *Panduntur portæ:* Eis ahi as portas abertas. *Invadunt urbem ſomno vinoque ſepultam.* Eis; ahi os olhos fechados. O que importa he moderar a confiança com a cautella, & ſegurar o valor com a vigilácia: vigiar, armar, & fortificar, exercitar, trabalhar, q̃ ainda que ſe tem trabalhado tanto, a empreſa foi muito grande, & he neceſſario mais.

VIII. E o q̃ mais neceſſario he q̃ tudo (atègora como a Portugueſes, agora como a Chriſtãos) he que as neglicencias de dentro nam deſanimem, & deſcomponhaõ as diligencias de fòra. Quem me déra neſte paſſo as forças, & o ſpiritu que não tenho. He poſſivel que quãdo eſtamos recebendo enchentes de beneficios da divina miſericordia, não façamos ſe naõ provocar com peccados a divina juſtiça! que quando deveramos andar humildes, & agradecidos a tantas merces, armemos os favores do Ceo contra o meſmo Ceo, & façamos guerra a Deos com ſeus beneficios! que a-

inda

inda ſe guarde pouca juſtiça! que ainda ſe trate pouca verdade! que agora reynem mais as invejas! que agora eſtejaõ mais em ſeu ponto as ambiçoens? que agora, por que Deos eſtá por nòs, nos ponhamos nòs contra elle; he boa confiança eſta: Grandes motivos nos tem dado Deos de grande confiança; mas antes nos quer menos confiados de ſuas miſericordias, que pouco attentos a noſſas obrigaçoens. *Et vos eſtoti parati* (diz Chriſto por concluſam do Evangelho) *quia qua hora non putatis filius hominis veniet.* Eſtai preparados; & prevenidos, porque na hora em que menos o imaginais, vos pediram conta da vida. Muito he difficultar Chriſto o remedio em hũa hora, a quem o pode ter num inſtante! Se hum inſtante baſta (que tal he a bondade de Deos) para hum arrependimento final, como nos atemoriza o Senhor cõ as brevidades de hũa hora? Parece que he eſtreitar os limites, & diminuir a opiniaõ glorioſa de ſua miſericordia infinita. Aſſi parece, naõ ha duvida; mas quer Deos antes menos reputada ſua miſericordia que demaſiadamente confiada noſſa eſperança. Confiar em Deos offendendoo, he venerar hum attributo com injuria dou-tro, & preſumillo tam miſericordioſo; que poſſa ſer menos bom. *Abſit vt ita aliquis interpretetur*: Deos nos livre de ſermos tam màos interpretes de ſua bondade (diz Tertuliano) *quaſi ex redundantia clementiæ cæleſtis, libidinem faciat humanæ temeritatis*: que nos ſirva de tentaçaõ a liberalidade divina, & façamos coſtas a noſſas temeridades cõ os exemplos continuos de ſuas miſericordias.

Miſeria he, & cegueira de entẽdimentos grande, que nos traga deſvanecidos, & deſcuidados, o que nos de-

vera fazer humildes, & temerosos. Porque Castella se vay percipitando a taõ conhecida ruina nos damos nòs por seguros? O miseria! porque Castella se vé em estado, q̃ jà não pode resistir a seus inimigos, nos imaginamos vencedores dos nossos? O cegueira! Alegranos vãmente o q̃ nos devera confũdir, animanos o q̃ nos devera assombrar, & enchenos de confiança, o que nos devèra encher de temor. Naõ fallo do temor q̃ faz temidos, senaõ do temor q́ faz timoratos; não do temor que faz temerosos dos homẽs, senaõ do temor q̃ faz tementes a Deos. Pergunto, senhores, porque està Deos irado contra Castella, & a castiga taõ rigurosamente? Naõ ha duvida, q́ por seus peccados, por suas maldades, por suas injustiças, por suas soberbas, por suas incõtinẽcias, &c. boas testemunhas somos como cõplices hũ tẽpo dos mesmos delitos. Pergunto mais. O Deos de Castella, he o mesmo q́ o de Portugal, ou outro? Esta pergũta não tẽ reposta. Pois o Deos he o mesmo, & em Castella castiga peccados; como ha de premiar peccados em Portugal? Se Castella tẽ a ruina em seus vicios; como havemos nos de ter a segurãça nos nossos? Oh q̃ bẽ apertou a força desta razão o Propheta Nahũ fallãdo cõ a cidade de Tyro. *Num quid meliores Alexãdria populorũ, quæ habitat in fluminibus, &c.* Por ventura, ó Tyro sois vòs melhor que a grande cidade de Alexandria cabeça de tantas Provincias? Porventura, ò Portugal, sois vós mayor, & mais populoso, que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et tamen ipsa abijt in trasmigrationem*; & com tudo Alexandria, ò Tyro foi destruida, & com tudo Hespanha, Portugal vayse acabando. Pois se a Monarchia famosa das

Hes-

Hespanhas: se aquella, que pouco ha dominava facilmẽte o mũdo, assi a castiga, & aniquila Deos por seus peccados: se lhe não val a Hespanha seu dilatado Imperio, senaõ se sustenta nos estribos de sua grãdeza, se de suas proprias entranhas brotaõ as labaredas, com que se vay consumindo este Ethna, se tantos exercitos espalhados pello mundo a não defendem, se tantas frotas, & tantos milhoens a naõ socorrẽ, se tantas oraçoens (que he mais) & tanto culto divino, se tantas penitencias, & sacrificios naõ bastaõ a ter maõ no braço irado da divina justiça: se tãto provaçaõ a Deos os peccados de Hespanha, porque não teme Portugal os seus; porque os não teme, & os naõ chora? Naõ nos fiemos indiscretamente em milagres, & favores do ceo: porque em grandes misericordias ensaya Deos grande castigo, & todo este bem perderemos, se formos ingratos: Com grandes milagres & prodigios livrou Deos ao povo de Israel do cativeiro de Faraò em q̃ estavaõ, & com tudo de tantos mil q́ sahiraõ do Egypto, porq́ peccaraõ despois de taõ grãde merce, só dous entaràraõ na terra de promissaõ. Libertouos Deos por afligidos, & despois castigouos por ingratos. Fiquenos esta advertẽcia Christãos, cõsideremos bẽ esta verdade, obremos pellos dictames deste desẽgano, para q́ saibamos o q̃ principalmẽte devemos temer, & sobre que bases podemos fũdar segura a firmeza de nossas confianças. Agradar, & servir a Deos, & logo confiar animosamente.

E para q́ sejaõ efficazes estes remedios, Roque divino, de baixo de vossa prottecçaõ, & favor esperamos os effeitos de virtude Francez, & Portuguez sois glorioso

 so

ſo Santo, & em hum, & outro titulo eſtam bem fundadas noſſas eſperanças. Quem melhor, nos ſocorrerâ q̃ hum Francez quando as florentes Lizes de França com taõ hermanada correſpondencia, aſſiſtem ao lado das Quinas Portuguezas? E quem mais natural Portuguez, & mais verdadeiro, que aquelle, que naſceo cõ o habito de Chriſto ſobre o peito eſquerdo publicãdo que era cavalleiro Frãcez por geraçaõ, mas Portuguezes por naſcimento? Todo o Reyno de Portugal vos encomendo divino Roque, pois tam duplicadas ſaõ as razoẽs cõ que confia em voſſo favor. Encomendovos eſta Cidade que com tanta devaçaõ, & frequencia ſolemniza voſſas ſagradas memorias. Encomendovos eſta Caſa, que tam autorizada eſtà com voſſo patrocinio, & taõ rica & taõ ſantificada com o theſouro de voſſas precioſas reliquias Encomẽdovos, mas naõ vos encomendo, que naõ he neceſſario, a voſſa real, & illuſtriſſima Irmandade, em que vos ſerviraõ os Reys, & vos ſerve a melhor nobreza, & particularmente, como tam particular nelle, vos encomendo glorioſo Santo, a quem hoje com tam lembrada prevençaõ, & com taõ anticipada liberalidade celebra voſſa feſta auſente. A peſſoa, a cauſa, os beneficios pedẽ que tenhais boas auſencias com quem as ſabe ter tam pontuaes; & ainda que em diſtãcia tanta; lâ chega tam bem a jurdiçaõ milagroſa de voſſos poderes, que a hoſtilidade de noſſos mal reconhecidos amigos, q̃ ainda alli não ceſſa, peſte foi daquelle eſtado, & peſte do mũdo. Deſte mal tam pernicioſo nos ajudai a livrar poderoſo Santo, aquella tam dilatada Provincia, a mais rica, e mais precioſa joya deſta Coroa; para q̃ ou no deſcanſo

da

da verdadeira paz, ou na superioridade de victoriosa guerra, se luza a conhecida prudencia, & valor de quem vos serve, & governa, & o sempre, & em toda a parte efficaz patrocinio de vossa sagrada intercessaõ, pela qual esperamos tambem, mediatamente a graça, a gloria. *Quam mihi. &c.*

LAVS DEO.